

Universidade nas dobras dos milênios

Paulo-Edgar Almeida Resende*

Resumo

A universidade está colocada, na atual bifurcação civilizatória de Eros e Tânatos, no comprometimento com a vida ou com seu contrário. O desafio de reordenação do saber, com aproveitamento de meios tecnológicos da informática e das telecomunicações reclama canais diretos para a mestiçagem acadêmica na produção do conhecimento. Há riscos, o maior de todos são as grades da universidade disciplinar, pautada pelo *magister dixit*, o argumento de autoridade; ou o controle da universidade à base da subjetivação de mentes dóceis.

Palavras-chave: mestiçagem acadêmica; universidade disciplinar; universidade controlada; mentes dóceis; argumento de autoridade.

Abstract

In the current division of civilization into Eros and Tanatos the university is placed in the commitment to life, or to its opposite. The challenge of rearranging the knowledge, by taking advantage of information and communication technology, demands direct channels to the academic “crossbreeding” in knowledge production. There are risks; the biggest one is the structure of the disciplinary university, conducted by *magister dixit*, the argument of the authority; or the control of the university based on the subjectivization of docile minds.

Keywords: academic crossbreeding; disciplinary university; control of the university; argument of the authority.

Subjacente à reflexão da Antiguidade aos nossos dias, é recorrente a tentativa de submissão da realidade aos critérios da razão, ora atributo divino, ora, segundo *Protágoras*, atributo do homem, *medida de todas as coisas, do ser daquelas que existem e do não-ser daquelas que não existem*. No tortuoso processo de desencantamento do mundo, *Anaxágoras* exalta o *nous* – igual à razão – no governo do mundo. Trata-se então de detectar onde se situa a razão secularizada, se no indivíduo

* Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – área de concentração em Relações Internacionais; coordenador do Núcleo de Análise de Conjuntura Internacional e do Comitê de Ética em Pesquisa PUC-SP; titular do Grupo de Análise de Conjuntura Internacional – USP; membro colaborador do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais – UNESP. E-mail: peresende@uol.com.br.

zoon politikon, se no Estado tentacular, se em determinada classe social, com vocação universal, se no Partido, com vocação revolucionária, se na *Intelligentsia*, trilhada por infalíveis paradigmas, à moda de fôrmas de pensamento.

A universidade, em tal contexto, realiza sua definição à medida em que se coloca como *locus* por excelência da racionalidade, a perigo de se postar na torre de marfim, desvinculadamente *au déssus de la mêlée*. Colocada na atual bifurcação civilizatória, diante do desafio de reordenação do saber, a trágica alternativa vai de *Eros* – no comprometimento da ciência com a vida – a *Tânatos* – o seu contrário, o elo de ciência e indústria bélica, tecnologia e poluição.

O *ântropos*, operador da ciência, teve, na modernidade, o impulso de aceleração do conhecimento para além da contemplação. No afã de transformar a face do planeta, chegou a sonhar com a substituição do vale de lágrimas pela *félicité* das Luzes seculares, aquém do paraíso celestial, *hic et nunc*. E tudo desabou no século XX, qual Ícaro, como se fora retorno à suposta idade das trevas do medievo. A máquina da emancipação humana pelo progresso tornou-se instrumento de crescimento desvairado, sem desenvolvimento, poluindo os três elementos, o ar, a terra, a água. O *ântropos* desfilou-se dos deuses e negou a si próprio, nas emboscadas das câmeras de gás de Auschwitz, do infernal espoucar das bombas de Hiroshima e Nagasaki, da cruzada franquista, dos campos de concentração estalinistas, da prisão de Guantânamo, do aumento da miséria no mundo. Tornou-se *ciberântropos*, o filho da máquina, à qual se sujeita, como bem o estetizaram o teatro do absurdo, o filme *Alphaville* de Jean Luc Godard. O horror foi acusado magistralmente pelo pintor Picasso em *Guernica*. Nas brumas do *imbróglío*, o barco do progresso enlouquecido deslizou-se a grande velocidade. O curto século XX, para alguns, o longo século XX para outros, levou na correnteza a apreensão de escatologismos de final de milênio.

Em todo o processo, a ciência administrada teve geopoliticamente papel fundamental na Universidade, que Pierre Bourdieu e Jean-Claude

Passeron caracterizaram como dispositivo de estado para a reprodução social, guardião da cultura dominante. O crescimento econômico predatório, que clama pelo *Protocolo de Kyoto*, ocupa no final do presente ano a agenda da *Conferência das Nações Unidas sobre a Mudança Climática* em Copenhague, reavivando expectativas.

O início esfumaçado do século XXI pressiona a Universidade para mudanças profundas, com aproveitamento de meios tecnológicos da informática e das telecomunicações. Há o reclamo de formulação de novas categorias. Nenhuma teoria se mostra capaz de entrar no fluxo de tal processo de modo exclusivo. Retomando reflexão sobre o tempo e o espaço globalizados, é opção fértil termos como *compagnons de route* Thomas Jefferson e Pierre-Joseph Proudhon. Deles a atualíssima formulação da federação. Intelectuais contemporâneos, do porte de Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Foucault, Edgar Morin, Ilya Prigogine aliviam-nos da pesada carga conceitual de paradigmas, que nos remetem ao passado transcendente do *magister dixit*. No vértice de tensões e conflitos, cessam certezas na dobra do novo milênio.

Educação como direito de cidadania

Nos Anais da Primeira Conferência Mundial sobre Ensino Superior, Unesco-1999, realizada em Paris em 1998, enfatizou-se a flexibilidade no largo espectro de competências genéricas, que formam a base de diversas competências profissionais nos variados campos do conhecimento. A capacidade de olhar crítico sobre especialidades foi priorizada. O documento argumentava que conhecimentos profissionais especializados tornaram-se mais rapidamente obsoletos do que no passado. Campos de competência de profissões ou funções não eram mais nitidamente delimitados, redefinidos em relação a conhecimento emanado de diferentes disciplinas acadêmicas. Caberia, no entanto, não confundir tal enunciado com flexibilidade a gosto da empresa, sobretudo no momento atual, em que incertezas, trazidas pela crise econômica, forçam mudanças, buscando a eficiência organizacional. Paul Terry, vice-presidente de Gestão de Talentos da consultoria de recursos humanos

Novations diz que com os cortes exigidos pela crise, as pessoas precisam mostrar flexibilidade para fazer vários trabalhos ao mesmo tempo (JUSTUS, 02/07/09: B16). No sentido que enfatizamos, a flexibilidade tem outro escopo, deve ser entendida como não comprometimento com profissionalização precoce ou fechada, subsumida ao mercado.

A Segunda Conferência Mundial sobre Educação Superior na sede da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), julho de 2009, concluiu-se em Paris com mais de mil delegações de 150 países. Foi discutido o futuro do ensino superior e da pesquisa, extrapolando limitações de molduras nacionais. Destacaram-se na agenda do grande encontro tendências de mudanças profundas ao redor do mundo, à medida que os computadores e a internet permitem formas antes inimagináveis de transferência global de conhecimentos, não moldados por fronteiras em um mapa. Os novos meios de comunicação e a explosão de matrículas durante a última década de alunos, e ao mesmo tempo de índice elevado de evasão – decorrência de severa pressão financeira sobre os sistemas universitários, mais o desinteresse pelo baixo nível de ensino oferecido pelas “fábricas de diplomas” – despertam a alta cúpula da educação mundial para novas responsabilidades.

As delegações buscaram definir um conjunto de ações consensuais em âmbito internacional (IESALC, 2009), do que reverberou alguns aspectos, perfeitamente operativos a curta distância, apenas dependentes de vontade política:

- educação superior e pesquisa com papel estratégico na criação e aproveitamento compartilhado de conhecimentos em prol de futuro mais sustentável, mais integrador e mais orientado para o desenvolvimento;
- expectativa de que a Unesco promova a mobilidade e o intercâmbio de estudantes e professores universitários e desenvolva estratégias para evitar fuga de cérebros. Instituições, especialmente nas nações industrializadas, estão competindo pelo mais alto número de estudantes internacionais. Mais de 2,8 milhões de estudantes foram escolhidos para estudar fora de seu país de origem em 2007. A cifra mais

alta proveio da China (421.100), Índia (153.300) e da República da Coréia (105.300). Seus destinos principais foram os Estados Unidos (595.900), Reino Unido (351.500) e França (246.600). Grande parte deles não retorna ao país de origem;

- representantes de alunos solicitaram a ampliação de mecanismos para facilitar intercâmbio de universitários entre os países: como comparar instituições e títulos de diferentes países; mecanismos nacionais de garantia da qualidade; qualificação das faculdades e as coleções nas bibliotecas;

- definição da educação como bem público teve como corolário reticências de delegações visando a impedir o progresso da tendência à privatização do ensino superior. Muitos provedores, com sede de lucro, estão despertando preocupação acerca da garantia da qualidade e o surgimento de métodos fraudulentos de outorga de diplomas. O crescimento da educação à distância aumenta a necessidade de cooperação internacional, pois a Internet permite a estes programas cruzar fronteiras, o que é positivo, mas sem a garantia de qualidade, à base de assédio de setores populares. Presente o ministro da educação do Brasil, Fernando Haddad, entrevistado pelo IESALC,¹ ratificou tal preocupação, sem excluir alianças com setor privado, desde que objeto de rigorosa avaliação;²

- observações de suma gravidade de que as instituições mudaram para uma forma mais empresarial. Elas estão realizando investigações por encargo de companhias ou do estado e desenvolvem cursos pagos para satisfazer às necessidades do empresariado local. Isto levantou preocupação em algumas ocasiões, pois uma ênfase exagerada na geração de recursos pode debilitar as atividades tradicionais da universidade. Cursos e investigação na área de humanidades não têm aplicação comercial geralmente. Grupos de teatro do *campus*, diários e estações de rádio ou televisão não comerciais, na maioria dos casos, não

¹ Instituto Internacional da Unesco para a Educação Superior na América Latina e Caribe

² CMES (Conferência Mundial de Ensino Superior), 2009. Edição Especial n.196 (ISELC, 2009)

produzem recurso algum. Porém essas atividades fazem das universidades centros da vida intelectual (IESALC, 2009).

A universidade brasileira

Antes de tudo, a acomodação do poder público, cedendo vez ao fluxo dos mais negativos de privatização do ensino superior, de caráter marcadamente mercantilista, com características descritas na cúpula de Paris de modo mais genérico.

Universidades públicas e poucas IES privadas, que fogem da caracterização negativa anterior, incidem no entanto em práticas institucionais e acadêmicas que limitam o melhor aproveitamento de alunos e professores: faculdades que se reduzem a coleção de departamentos, de cursos de graduação e de pós-graduação; corporativismos que nem mesmo abrem brecha para a universidade confederada. Houve redesenhos institucionais, aqui e acolá. Ao serem implantados, compõem a universidade em traços, sem arquitetura, como urbanistas soem se referir a projetos de habitação, com casas sem cidade, cujos diretores e reitores perigam fazer apenas administração escolar, ocupando o lugar do funcionário qualificado *ad hoc*. A cúpula das IES apõe assinatura em diplomas, sem margem de efetiva atuação na administração acadêmica.

A expectativa é a de que se abram perspectivas para projeto pedagógico no atual contexto mundial, que leve em conta que o mundo não para de girar, de fluir. A Universidade de paradigmas como que tenta disciplinar, controlar, represar o fluxo dos acontecimentos em seus desatualizados, por natureza, modelos de análise, de ensino, de administração acadêmica. A empreitada é complexa. O Brasil emerge com relativo protagonismo no *ranking* da economia capitalista mundial e nas grandes cúpulas interestatais e intergovernamentais, nacionais, é um *global trader* e um *global player*. No âmbito da economia, está em curso o reposicionamento estratégico de empresas multinacionais em relação ao Brasil, na atenta avaliação de diretor de pesquisas e estudos econômicos Octávio de Barros (BARROS, 13/07/2009: B2). No

desempenho da diplomacia, o país se abre em leque para ocupar assentos em G5, G20, G77, G14, no Mercosul, na Unasul, ALADI, OEA, ONU, BRIC..., ou seja: Brasil no topo do mundo, mas solitário, na avaliação qualificada de qualificado jornalista brasileiro em cobertura de eventos internacionais, Clóvis Rossi (12/07/2008: B2). O mais constrangedor para os acadêmicos brasileiros na leitura de seu texto é termos de concordar com a observação de que faltam a ele interlocutores, não apenas entre parlamentares. Na academia, há uma dúzia de pessoas, se muito, com as quais se podem trocar ideias sobre temas internacionais. Como que induzindo-nos a concordar com Fernando Henrique Cardoso, citado pelo jornalista, ao qual se atribui a afirmação de que o Brasil é um país caipira, país continental, mas voltado para dentro. Méritos indiscutíveis ao Itamaraty, mas a política exterior, e a reflexão sobre ela, seria território de caça reservado aos diplomatas? É a questão-desafio que Clóvis Rossi endereça a seus leitores em geral, dentre os quais os universitários brasileiros, e com muita pertinência. Talvez com igual pertinência, podemos acrescentar, embora fora de nosso foco principal, que cada país tem a imprensa que merece. E salve uns poucos jornalistas de seu gabarito, a impressão que fica é a de que a mídia brasileira despende mais recursos com tradutores do que com enviados especiais.

Moral da história: a supervalorização de processos eleitorais na escolha de seus dirigentes, as instituições de ensino superior do Brasil, sem abdicarem da gestão participativa, marcarão presença decisiva se gerarem o ímpeto institucional federativo interno e externo, deixando de ser universidade de corporações, academicamente de corte conservador e de âmbito local.

Na agenda universitária contemporânea, sem emular o que extrapola aspectos específicos de cada realidade, há pontos que problematizam as atuais estruturas curriculares de vários ângulos, a favor das práticas de multidisciplinaridade, interinstitucionalidade. Elencam-se os desafios de federalização interna e internacionalização; correlação de formação-ocupação-profissão; polivalência.

Multidisciplinaridade – matrizes, melhor ainda, fluxos curriculares rizomatizados, com nascentes por toda parte, onde flua o saber, na dinâmica genealógica de disciplinas, cursos, faculdades, em devir de mútuas recriações. Compromisso interdisciplinar em circuitos ampliados de produção e circulação de conhecimento e cultura. Superação de grades curriculares ou redes curriculares, que conotam prisão epistemológica. O clamor é pela superação de velhos recortes disciplinares.

Universidade federalizada, simultaneamente desfeudalizada numa ponta, sem centralismo burocrático na outra ponta. Especificidades, sem originalidades da balcanizada, descosturada rotina acadêmica, que nem chega a ter estética de colcha de retalhos. Apenas os corredores perigam ser lugar de vivência universitária.

Internacionalização – ampla circulação de professores e alunos através de intercâmbios, no ensino e na pesquisa.

- correlação formação-ocupação-profissão (FERNANDES; NARITA, 1999) – as estatísticas dão o que pensar sobre a empregabilidade: taxas de aderência profissional em odontologia e medicina, 87%; direito 40%; abaixo de 20%, ciências sociais aplicadas.

- competência profissional – em estudo emanados de diretrizes curriculares do Conselho Nacional de Educação enfatizam a polivalência (ampliação de competências) e flexibilização curricular (adaptabilidade) mostraram-se norteadoras de novas orientações curriculares (CATANI; DOURADO, 2001). Trata-se de se optar, nas pegadas de Edgar Morin, por projeto de saberes complexos (RIBEIRO, 2003).

Há alguns destaques na abertura de novas fronteiras na educação superior no Brasil. O Programa Univesp (Universidade Virtual do Estado de São Paulo) em parceria com USP, Unicamp e Unesp, agregando Fundação Padre Anchieta, Fapesp, Fundap, Imprensa Oficial e Centro Paulo Souza (VOGT, 15/07/2009: A3). Com o uso intensivo de tecnologias de informação e comunicação e metodologias mais tradicionais de ensino, sem excluir atividades presenciais, tende a introduzir um diferencial ao oportunismo de iniciativas do gênero de IES

particulares, com o escopo claramente de mercantilização de ensino de baixíssimo nível. Dentre as universidades públicas, merece ainda destaque a forma como a UFBA³ (Universidade Federal da Bahia) entra no debate, com referências atuais. Dentre as particulares, a PUC-SP acaba de realizar seu “redesenho” institucional, que igualmente tende a abrir novas fronteiras com o uso de tecnologias de informação e de comunicação.

Universidade na berlinda

O desafio da globalização da economia, da política, da cultura reclama canais diretos para a produção do conhecimento, para a reinvenção de novas IES (Instituições de Ensino Superior), sem amarras locais, regionais. Há riscos nos enormes desafios postos para alunos e professores, mas o maior de todos é o de não enfrentá-los, no sentido nietzscheano de sair das grades de academia enclausurada. Viver perigosamente, por fora dos trilhos de paradigmas, que ou nos levam para a universidade disciplinar, pautada pelo *magister dixit*, o argumento de autoridade; ou nos levam para a universidade à base do controle, internamente convencidos de que *nihil novo sub sole*. A saída de modo criativo de tais limitações estaria no processo de ampla mestiçagem acadêmica.

Os *campi* europeus estão em ebulição. Há muita polêmica em torno da *Declaração de Bolonha* (1999), ratificada em Praga (2001), Berlim (2003), Lisboa (2004) e Bergen (2005). Hoje, cerca de 46 países, signatários de dentro e de fora da UE, protocolam adesão ao Processo de Bolonha. A questão que se coloca ao plano unificador é a de ser conversão cultural do saber em habilidades e destrezas, cotizáveis no mercado empresarial. A grande ameaça é a progressiva submissão de pesquisadores ao mercado, com limites à natureza criativa do campo científico. A pesquisa científica sujeita a estratégias do modelo de acumulação. O catedrático de Filosofia da Universidade Complutense de

³ Universidade Nova: Reestruturação da Arquitetura curricular na UFBA. Minuta de projeto, cujo conteúdo seu reitor nos liberou acesso, em conferência *ad hoc* na PUC-SP.

Madri, José Luís Pardo (10/11/2008), teme ver o professorado compor subsetor da produção de conhecimento para grandes empresas financiadoras, com a substituição da lógica do saber científico pelo benefício empresarial na distribuição de conhecimento.

Delegações da América Latina e Caribe, em que pese avaliação positiva da última cúpula da educação em Paris, mostraram-se descontentes por não ter tido a repercussão desejada o que fora aprovado em reunião preparatória da Conferência Regional de Cartagena. Rafael Guarga, secretário geral da AUGM (Associação de Universidades do Grupo Montevideu), que reúne universidades do Cone Sul, manifestou seu desconforto. O Grupo Montevideu tem como foco o projeto do Espaço de Encontro da América Latina e Caribe de Ensino Superior (Enlaces), rede de redes, que vai do sul da Argentina ao norte do México, em que cabem conselho de reitores, redes temáticas, eventos de redes, organizações de apoio, redes intercontinentais. Com esta tramitação, desde que fugindo ao vezo pela burocratização, o saber fluirá.

Foram veiculados de maneira enviesada nas plenárias da Segunda Conferência Mundial sobre Educação Superior na sede da Unesco, pelo filtro redutor de delegações de países mais desenvolvidos, temas como a privatização/mercantilização do ensino; evasão de cérebros; evasão escolar, devido ao baixo nível de IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), propriedade intelectual. O Brasil tem enfatizado em vários foros a inclusão de cláusula de compartilhamento de tecnologias verdes, enquanto os países mais desenvolvidos preferem dar ênfase à ideia de transferência de tecnologia. É a forma de se perpetuar o monopólio do conhecimento, à vista de lucros, ao invés da preservação do meio ambiente, como prioridade. A posição do governo brasileiro e do G77 (grupo de países em desenvolvimento) com relação a Propriedade Intelectual é a de reproduzir o princípio de quebra de patentes em casos de interesse público, aplicado na área da saúde. Haroldo Machado Filho, membro da Comissão Interministerial de Mudança do Clima, ao defender a cláusula de compartilhamento de tecnologias verdes, para preservar o meio ambiente, mostra-se inflexível: quem acredita em transferência de

tecnologia, acredita também em Papai Noel e coelhinho de Páscoa (NINIO, 14/07/2009: A12).

A concessão do prêmio *Félix Houphouët-Boigny* ao presidente José Inácio Lula da Silva, e o destaque dado à África na Segunda Conferência Mundial sobre Educação Superior na sede da Unesco sinalizam a percepção de que a alternativa de nova ordem mundial tem como prioridade de agenda a luta contra a pobreza, acoplada às políticas de educação. Atribui-se ao crítico Mário Pedrosa a afirmação de que a arte é o exercício experimental da liberdade. Transpondo a formulação para o âmbito da Universidade, enquanto *locus* privilegiado de produção do conhecimento, sem a pretensão de exclusividade, o reclamo do exercício experimental da liberdade está a exigir o redesenho interno e externo da Universidade federalizada em linhas mais flexíveis, para não dizer em linhas de fuga, na nova cartografia do mundo da informática, das mestiçagens: o mundo na universidade e vice-versa.

Referências bibliográficas

- BARROS, G. (13/07/2009). “Múltis se interessam pelo país no longo prazo, diz economista”. In *Jornal Folha de S. Paulo*.
- CATANI, A.; DOURADO, L. F. (2001). “Política Educacional, Mudanças no Mundo do Trabalho e Reforma curricular dos cursos de Graduação no Brasil”. In *Educação e Sociedade*. Campinas, v. 22, no 75.
- FERNANDES, R.; NARITA, R. D. (1999). *Instrução Superior e Mercado de trabalho no Brasil*. São Paulo, EDUSP-IPE.
- JUSTUS, P. (02/07/2009). “Crise traz à tona dificuldades de adaptação”. In *OESP*.
- NINIO, M. (14/07/2009). “Brasil lança iniciativa por quebra de patente para energias limpas”. In *Jornal Folha de S. Paulo*.
- PARDO, J. L. (10/11/2008). “La Decomposición de la Universidad”. In *El País*.
- RIBEIRO, R. J (2003). *Universidade e a Vida Atual*. Rio de Janeiro, Campus.
- ROSSI, C. (12/07/2009). “Espetáculo sem pedagogia”. In *Jornal Folha de S. Paulo*.
- VOGT, C (15/07/2009). “Novas fronteiras na educação superior”. In *Jornal Folha de S. Paulo*.
- IESALC (julho/2009). Boletim n. 192.
<http://www.iesalc.unesco.org.ve/docs/boletines/boletinnro192/boletinnro192portugues.html>